

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

FRANCISCO HELVÍDIO DE CARVALHO NETO

**O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: UM ESTUDO DA TEORIA DE
MATTHEW LIPMAN**

Teresina
2015

FRANCISCO HELVÍDIO DE CARVALHO NETO

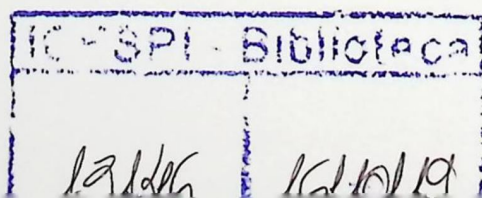
**O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: UM ESTUDO DA TEORIA DE
MATTHEW LIPMAN**

Monografia apresentada ao Instituto Católico de
Estudos Superiores do Piauí - ICESPI, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Filosofia, sob a orientação da
Profª. Ms. Elenir Cardoso Figueiredo.

1 p. 10

Teresina

2015



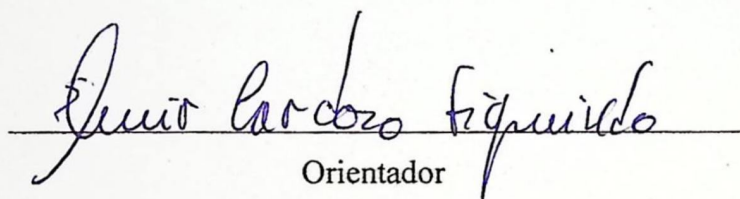
FRANCISCO HELVÍDIO DE CARVALHO NETO

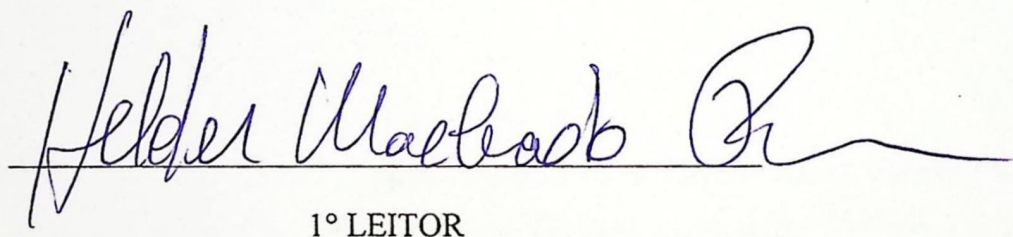
**O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: UM ESTUDO DA TEORIA DE
MATTHEW LIPMAN**

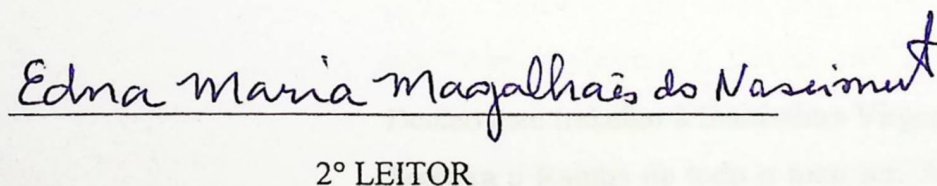
Monografia apresentada ao Instituto Católico
de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em Filosofia, sob a
orientação da Profª. Ms. Elenir Cardoso
Figueiredo.

Conceito: 9.0

Teresina, 02 de dezembro de 2015.


Orientador


1º LEITOR


2º LEITOR

Agradeço a Deus pela oportunidade e inspiração.
A Deus Pai, Mãe e Espírito Santo. Aos meus familiares, pelo
apoio e incentivo. Aos meus amigos, que sempre
estiveram disponíveis, à grande família e amigos.

Dedico este trabalho à Santíssima Virgem Maria,
Senhora e Rainha de todo o meu ser. Aos meus
superiores, na pessoa do Bispo diocesano, e ao
Reverendíssimo Padre José Pio Feitosa Marinho
por tanto carinho e dedicação a mim dispensados.

Agradeço a Deus pela oportunidade e conquista.
A diocese de Picos. Aos meus familiares pelo
apoio e incentivo. Aos meus amigos que sempre
estiveram disponíveis. A grande amiga e mestra,
Professora Elenir Cardoso Figueiredo que sempre
esteve disponível com carinho e resignação.

“A Filosofia começa quando podemos discutir a linguagem que usamos para discutir o mundo”.

MATTHEW LIPMAN

RESUMO

A proposta de educação elaborada por Matthew Lipman ao modo de fazer Filosofia desde as séries iniciais tornou-se vigente na atualidade, trazendo uma grande contribuição para a sociedade. Ele faz uma crítica ao modo de ensino tradicional e apresenta como contribuição para a educação um Programa responsável pelo incentivo de inserir o ensino filosófico desde as séries iniciais. A partir do contato com a Filosofia, os alunos terão uma melhor capacidade de argumentação, de reflexão, do saber pensar de modo organizado, sendo possível num futuro, uma sociedade capaz de questionar com argumentos. O Programa Filosofia para Crianças de Lipman é apresentado como um primeiro caminho que proporciona alternativas que se preocupa com a formação do ser humano, é no contato com os questionamentos surgidos em sala de aula por meio da Comunidade de Investigação a partir do contato direto com a Filosofia, que os alunos alcançarão melhor desempenho nas demais disciplinas, apresentando uma melhoria para uma educação do saber pensar. A proposta de Lipman nos apresenta a importante contribuição para o desenvolvimento da educação, e a partir do desenvolvimento do Programa Filosofia para Crianças, destaca-se que a novidade trazida por Ele, faz com que as crianças adentrem no mundo da Filosofia e a Filosofia se faça presente no modo de pensar infantil.

Palavras chave: Programa, Comunidade de Investigação, Educação, Criança.

ABSTRACT

The education proposal developed by Matthew Lipman the way of doing philosophy from the initial series became effective today, bringing a major contribution to society. He criticizes the traditional teaching mode, and displays as a contribution to education is a program responsible for encouraging inserting the philosophical education from the early grades. From the contact with philosophy, students will have a better argument capacity, reflection, how to think in an organized manner, making it possible in the future, a society able to question with arguments. The Philosophy Programme Lipman Children is presented as a primary route that provides alternative that is concerned with the formation of the human being it is in contact with the questions arising in through Classroom Community of Inquiry from direct contact with the philosophy that students achieve better performance in other disciplines, showing an improvement for an education of how to think. The proposed Lipman presents a major contribution to the development of education, and from the development of Philosophy for Children Program, it is emphasized that the novelty brought by him, makes children adventure in the world of philosophy and philosophy is do this in the children's way of thinking.

Keywords: Program, Community Research, Education, Child.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MATTHEW LIPMAN E A SUA VISÃO ACERCA DA FILOSOFIA, DA EDUCAÇÃO E DA CRIANÇA	11
2.1 Dados do autor	11
2.2 O ensino de Filosofia e a criança	14
3 PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS NO PENSAMENTO DE MATTHEW LIPMAN	21
3.1 A Filosofia Grega	21
3.2 A grande influência do pensamento e da pedagogia de John Dewey	23
3.3 A influente psicologia de Vygotsky	27
4 PROPOSTAS PARA UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA NAS SÉRIES INICIAIS E UMA INICIATIVA DO PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO BRASIL	30
4.1 A centralidade do Programa	30
4.2 Uma Comunidade de Investigação: a sala de aula	33
4.3 A iniciativa da aplicação do Programa Filosofia para Crianças no Brasil.....	36
5 CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

A reflexão acerca da necessidade do ensino de Filosofia para as gerações surgiu desde a Grécia Antiga, quando os primeiros filósofos reuniam multidões para os seus discursos filosóficos que eram proferidos com o intuito de fazer com que os homens pensassem.

Tendo em vista a necessidade de um aprofundamento relacionado à importância da Filosofia na atualidade, a pesquisa será desenvolvida sobre o Programa Filosofia para Crianças do filósofo norte americano Matthew Lipman que apresenta uma discussão acerca da inserção do ensino de filosofia nas séries iniciais para proporcionar uma forma correta do saber pensar.

O Programa iniciado nos Estados Unidos, no final da década de 1960, apresenta a grande importância do ensino de Filosofia para crianças e jovens, facilitando assim, o crescimento racional por parte dos mesmos através dos grupos de investigação criados dentro das salas de aulas a partir das orientações do já então mencionado Programa educacional. Desta maneira, Podemos nos deter no seguinte questionamento: Qual a importância e a contribuição do Programa Filosofia para Crianças na educação, proposta por Matthew Lipman?

Dentro da argumentação acerca do Programa desenvolvido por Lipman podemos encontrar as principais justificativas em relação à educação das crianças e dos jovens, pois se a filosofia é implantada desde as séries iniciais há uma grande possibilidade de num futuro bem próximo nos depararmos com uma cultura de maior capacidade reflexiva, uma visão melhor de mundo, enfim, uma mudança de paradigmas ou até mesmo exemplar.

O objetivo geral deste trabalho é expor a importante proposta de inclusão do ensino de filosofia para crianças a partir do Programa Educação para o Pensar. Apresentam-se como específicos: 1) apresentar os principais métodos educacionais indicados por Lipman para um bom desenvolvimento do Programa, 2) compreender a necessidade da filosofia desde as séries iniciais, e 3) conceituar o método de Lipman acerca da educação para o pensar.

O seguinte trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro apresenta os principais dados biográficos do autor, que se faz necessário para a compreensão do surgimento da teoria de Lipman, e ainda, a sua visão acerca da filosofia e da criança. No segundo capítulo, encontram-se as principais influências de pensadores para a elaboração do trabalho de Lipman, onde nos detemos no pensamento de Platão, John Dewey, e Vigotsky. No terceiro capítulo, nos depararemos com as propostas elaboradas pelo filósofo, toda a

centralidade do seu Programa e uma iniciativa do mesmo Programa educacional na educação brasileira.

Para uma melhor organização e desenvolvimento do Programa de Lipman, o mesmo elabora métodos eficazes que irão dar direcionamento ao longo dos anos no ensino dedicado às crianças e jovens a partir da sua proposta educacional. Por isso, faz-se necessário um aprofundamento sobre a teoria de Lipman e a sua importância e contribuição para a formação da sociedade, a partir de uma educação de qualidade.

Enfim, ao longo da pesquisa será possível perceber todo o desenvolvimento deste Programa ao longo dos anos, a sua aceitação e desenvolvimento, compreendendo-se a grande importância do ensino de filosofia a partir dos primeiros anos na escola para uma melhor formação das crianças e jovens.

2 MATTHEW LIPMAN E A SUA VISÃO ACERCA DA FILOSOFIA, DA EDUCAÇÃO E DA CRIANÇA

2.1 Dados do Autor

A inserção do ensino de Filosofia nas escolas tornou-se um tema em vigente debate por muitos pesquisadores e educadores em diversos países. No final da década de 1960, surge, nos Estados Unidos, um Programa que trataria do ensino de Filosofia desde as séries iniciais, desenvolvido pelo filósofo Matthew Lipman.

Matthew Lipman nasceu na cidade de Vineland no Estado de New Jersey, Estados Unidos, no dia 24 de agosto de 1923, onde viveu também a sua infância e adolescência e estudou até o Ensino Médio. Em 1939 tem início a Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, uma época em que a economia americana experimenta uma grande crise. Lipman cresce em meio a um ambiente precário na educação e, mais tarde, sem dinheiro e sem as classificações para ingressar na universidade, interrompe os estudos. Em 1940 retoma os estudos e busca recuperar o tempo que havia perdido, bem como o aproveitamento em matemática, disciplina fundamental para realizar seus estudos de engenharia. Depois de um tempo com quase vinte anos de idade, ingressa no serviço militar. Seu desejo é apresentar-se como voluntário na aeronáutica, mas, por um problema de visão, não é admitido e é recrutado na infantaria. Assim, dá preferência aos estudos novamente e ingressa na Universidade de Stanford, onde permanece por um ano, ainda com o objetivo de se tornar engenheiro. Vivendo na Califórnia, entra em contato com as ideias de Aristóteles e Hume através de um professor de inglês que o apresentava com um livro que relata a passagem de John Dewey na Universidade de Colúmbia. A partir daí, surge um forte interesse pelas ideias de Dewey, bem como a possibilidade de ingressar na mesma universidade. (BROCANELLI, 2010, p. 19).

A partir de então, estando em contato com alguns livros de Filosofia começam a surgir os primeiros interesses acerca do estudo da mesma. Podemos observar que o fio condutor ou aproximador do autor com a Filosofia foram os pensamentos do Filósofo John Dewey.

O exército lhe oferece duas opções e ele escolhe partir para o campo de guerra. Antes de partir, Lipman compra alguns livros, dentre os quais está o de John Dewey, chamado *Inteligência no mundo moderno*. Durante a guerra em 1945, ele aproveita os momentos livres para a leitura desse livro. No verão de 1945 vai para a Inglaterra, na Universidade Americana de Shrivensham, instituição superior recém-criada pelo exército americano, permanecendo aí todo o verão e outono do mesmo ano, tendo durante esse tempo um contato mais intenso com a Filosofia através de professores que lecionavam nessa universidade. A partir desses contatos, seus interesses começam a tomar novos rumos. Vai para a Universidade de Colúmbia, sob a tutela da Lei de ajuda aos ex-combatentes, no Programa chamado "Universidade para não graduados", reservado para os que regressavam do serviço militar. No ano de 1948 recebe o Bacharelado em Filosofia pela Universidade de Colúmbia e se inscreve no Programa de Pós-Graduação. Dois anos depois, conclui seu Doutorado e se titula Ph.D. em Filosofia. Ganha uma bolsa da Fundação

Fullbright para o seu Pós-doutorado. Mantém correspondência com Dewey nessa época em que está novamente na Europa. (BROCANELLI, 2010, p. 21).

Podemos notar que em cada etapa da vida acadêmica de Lipman, os seus interesses pela Filosofia vão aumentando e de modo bem particular o seu maior interesse pela linha de pensamento do filósofo Dewey. Entretanto, o autor foi influenciado por muitos outros pensadores europeus e de diversas épocas diferentes como destacamos, pela filosofia de Sócrates.

Na Universidade de Sorbonne em Paris, conhece figuras do pensamento francês como Gabriel Marcel, Merleau Ponty, Yvon Belaval, tendo como orientador Etienne Souriau, especialista em Estética. Nessa mesma época empenha-se em transformar sua tese de doutorado em um livro a ser publicado depois, quando volta aos Estados Unidos. Em 1951 vai para Viena, na Áustria, para complementar seu Pós-doutorado e volta para os Estados Unidos em 1952. É o ano em que John Dewey morre. No ano seguinte, em 1953, inicia seus trabalhos como professor de Filosofia na Faculdade Brooklyn da Universidade da Cidade de Nova York, onde permanece até o ano de 1975. Lipman realiza um grande desejo em 1954: torna-se professor de Filosofia e de Civilização Contemporânea na Universidade de Colúmbia. Passar pelos mesmos corredores em que Dewey havia passado é a realização de um sonho; só é sentida a sua ausência. Passa a ser professor em tempo integral e chega a ser professor titular. Ensina também Lógica e Pensamento Crítico por muitos anos na mesma Universidade. De 1955 a 1963 também lecionava na Faculdade de Música de Mannes na cidade de Nova York com a disciplina de Civilização Contemporânea. (BROCANELLI, 2010, p. 21).

A partir de longas experiências vivenciadas nas universidades, Matthew Lipman esclarece as suas ideias a respeito da educação, vendo que era necessária uma melhoria, inclusive, despertando nos estudantes uma melhor maneira de expressar as suas ideias, os seus pensamentos.

Por volta dos anos 1960 Lipman já tem mais clareza de seus objetivos e pensa em melhoras para o ensino, o qual se apresentava com muitas carências. Inicia suas reflexões sobre a possibilidade de se oferecer Lógica e ensinar O pensamento crítico nas escolas; seu objetivo era o de tornar pessoas mais racionais, mais reflexivas e críticas desde a infância. Pensa em oferecer a Lógica como auxiliar no desenvolvimento da cognição da criança. a forma desse ensino seria a conciliação da Filosofia com histórias ficcionais, narrativas e dialógicas. É a partir dessa ideia que em 1969 Lipman começa um projeto de Filosofia para Crianças, que depois será chamado de Programa de Filosofia para Crianças. Inicia a redação de um livro, que é chamado por Lipman de novela filosófica, com o título de *Harry Stottlemeier's Discovery*; em língua portuguesa recebeu o nome de A descoberta de Ari dos Telles. Essa novela seria destinada a crianças de 11 a 12 anos. Termina sua redação no ano seguinte. A partir desse momento Lipman terá que se dedicar quase que exclusivamente a esses estudos, aplicações de testes em escolas e a redação de outras novelas filosóficas para serem aplicadas a outras idades. O projeto torna-se o Programa de Filosofia para Crianças. Em 1973, na Universidade de Montclair, é realizado um Congresso sobre *Filosofia Pré-Universitária*. No mesmo e no mesmo campus Lipman funda o *Institute for Advancement of Philosophy for Children* (Iapc), ao qual dedica parte de sua carga horária. Sua primeira colaboradora é Ann Margaret Sharp, professora do Departamento de Fundamentos da Educação daquela Universidade, e outro colaborador que se agrega ao grupo é Frederick S. Oscanyan,

especialista em Lógica e que ajudará Lipman na elaboração dos textos das novelas. (BROCANELLI, 2010, p. 22).

A partir do momento em que tudo já começa a se organizar, é necessário que haja mais empenho por parte do filósofo. É exatamente agora que Lipman recebe o apoio de outros profissionais que o auxiliam no melhor desenvolvimento do seu projeto.

Com o instituto já bem estruturado, foram estabelecidos os principais objetivos: escrever e publicar o material do currículo, ou seja, as novelas utilizadas pelos alunos na sala de aula; organizar as pesquisas experimentais com os textos do Programa de Filosofia para Crianças, todas realizadas em escolas; preparar os professores e os formadores dos professores sobre a Filosofia para Crianças de acordo com as exigências do programa; lutar pela inclusão de Filosofia na formação dos professores na escola e na disciplina de Filosofia no Ensino Fundamental e disseminar o Programa para vários países. Em 1974 o Iapc passa a fazer parte da Faculdade Estadual de Montclair e Lipman é seu diretor. Outras novelas são escritas por Lipman, bem como os manuais para o acompanhamento e orientação do professor nas discussões com os alunos na sala de aula. Dentre elas estão: Issao e Guga, Pimpa, Luisa e Rebeca, e outras. Com o tempo o Programa de Filosofia para Crianças vai ganhando prestígio, crescendo sua propagação. Hoje se pode contar com mais de quarenta Centros de Filosofia para Crianças, espalhadas por diversos países. (BROCANELLI, 2010, p. 22-23).

No desenvolver das atividades e projetos elaborados por Lipman, percebe-se que há uma preocupação em sempre buscar uma melhor aplicabilidade das suas ideias. Com isso, o autor escreve além das várias novelas filosóficas e artigos de jornais e revistas, alguns livros em que tratará com maior clareza as suas ideias e projetos em relação ao ensino de Filosofia na infância.

A partir de sua formação filosófica e da preocupação com uma educação que valorizasse e priorizasse o pensar bem, Lipman, além da elaboração do Programa de Filosofia para Crianças, com suas novelas e os manuais, escreveu vários livros, tratando da mesma temática de forma mais sistematizada e aprofundando alguns pontos. O primeiro livro, de coautoria com Ann Margaret Sharp e Frederick Oscanyan, escrito em 1980 foi *A filosofia na sala de aula*. Neste livro, Lipman observa a realidade educacional da qual ele mesmo participou durante a sua formação e que ainda persistia na sala de aula. Assim, ele faz uma crítica à educação e aponta sugestões e caminhos para que a escola se torne mais atrativa e corresponda aos anseios das crianças e jovens, os quais vivem em busca de significados. Além disso, Lipman pensa algumas pressuposições educacionais de Filosofia para crianças, bem como descreve os objetivos e metodologia do Programa de Filosofia para Crianças. Podemos dizer que neste livro ele divulga as características do seu Programa. Outro livro é *A filosofia vai à escola*, escrito em 1988. É um livro que repensa os fundamentos filosóficos da educação proposta por ele. Nesse livro Lipman resgata a Filosofia Grega e insiste na importância da Filosofia na formação de crianças e jovens diante de um mundo que perdeu muitos valores éticos e morais. Em seguida, apresenta as relações entre Filosofia e Pedagogia no Primeiro e Segundo graus. Por fim, escreve sobre a filosofia da infância, afirmando ser esta uma idade e condição que se abre ao aprender. Pensando sobre a Teoria da Educação, Lipman escreveu *O pensar na educação*, em 1995. É uma obra mais extensa que trata da teoria da educação na atualidade e apresenta um problema considerado grave: as crianças e os jovens não estão aprendendo a pensar, especialmente por estarem inseridos em um sistema exigente de capacitação e

competitividade. Constatando esse problema, o livro oferece uma introdução ao ensino do pensar e dá algumas sugestões e procedimentos, tendo como objetivo principal tornar o estudante mais reflexivo, mais racional e mais imparcial diante das propostas do mundo moderno. Por fim, um livro que esclarece alguns de seus fundamentos é *Natasha – Diálogos Vygotskyanos*, escrito em 1996. (BROCANELLI, 2010, p. 24).

A partir da elaboração e publicação de vários livros no campo educacional, Lipman expressa com clareza que há uma grande necessidade de harmonia entre a Filosofia e Pedagogia dentro das escolas, ou seja, a Filosofia para despertar a capacidade de raciocínio dos alunos e a Pedagogia para melhorar a aplicação dos conteúdos.

Segundo Brocanelli (2010, p. 28) Matthew Lipman viveu seus últimos anos em Nova Jersey, na cidade de Montclair, Estados Unidos, dedicando-se com exclusividade ao trabalho no IAPC (Institute for the Advanced of Philosophy for Children) fundado por ele mesmo e instalado na Universidade Estadual de Montclair. Lipman faleceu no dia 26 de dezembro de 2010 deixando um grande legado para a educação, principalmente para a educação filosófica nas séries iniciais.

2.2 O ensino de Filosofia e a criança

Para Daniel (2008, p. 32), ao estudarmos os pressupostos filosóficos e pedagógicos de Lipman podemos observar que há implicitamente uma pedagogia direcionada às teses da epistemologia construtivista e também uma filosofia pragmatista. A filosofia para crianças desenvolvida pelo filósofo não tem o intuito de ser apenas uma transmissão de conteúdos, e sim uma reconstrução pessoal do saber pensar, uma verdadeira busca de sentidos, processo este que acontece em uma comunidade de investigação. A mesma autora assegura:

É uma experiência intersubjetiva que constitui uma etapa fundamental para transgredir os limites epistemológicos dos alunos, transgredir a visão tradicional do processo ensino/aprendizagem, transgredir o conforto do relativismo no qual as sociedades parecem deleitar-se. Nessa ótica, a filosofia enfatiza o questionamento das aquisições e dos pré-julgamentos; exige esforços educativos alternativos; promove o aluno como sujeito-em-busca-de-conhecimentos, por tanto, o aluno como pessoa autônoma e responsável por suas aprendizagens, o aluno apto a pensar de modo crítico-dialógico. (DANIEL, 2008, p. 48).

Nota-se que o método de Lipman, se assim podemos chamar, é diferenciado dos métodos atuais de ensino ou do ensino tradicional, onde o aluno é apresentado como algo a receber informações já prontas. A filosofia para ele é algo tão necessário para a criança que

dentro da sala de aula ela poderá desenvolvê-la com questionamentos do seu próprio cotidiano.

Conforme Souza (2013, p. 14) quando falamos do ensino de Filosofia, da sua total importância, da sua autonomia, estamos nos referindo a uma mudança de mundo, de paradigmas, a uma mudança do saber pensar, uma capacidade de lidar com o novo, no entanto, não abandonando as bases filosóficas da tradição.

Filosofar dentro da estrutura escolar com as crianças, adolescentes e jovens é capacitá-los para o debate, para a confrontação de ideias, para o questionamento, para o não conformismo diante dos fatos. Portanto, é ensiná-los a dizer não, e fazer com que exijam participação no processo de criação do indivíduo, de uma nova relação entre pessoas, instituições e os porquês de tais relações. Buscar um ensino filosófico, condizente com a idade, dentro das experiências de cada um, aberto ao questionamento, a angústia, ao novo, é querer uma filosofia viva. Um ensino filosófico que questione as certezas, o instituído, que capacite indivíduos para a reflexão e para as diversas leituras e posicionamentos tomados diante dos fatos. Assim, este indivíduo estará instrumentalizado para a crítica e para a ampliação do seu universo experiencial e sua visão de mundo. (SOUZA, 2013, p. 15).

Lipman deixa transparecer com clareza que se faz necessário o debate, o diálogo, a investigação dentro das primeiras séries, isso irá facilitar para que o jovem, ao adentrar no mundo universitário, não chegue com uma forma de pensamento fechada, ao contrário, que seja alguém que tenha uma capacidade de reflexão e de diálogo com o novo, o diferente.

Assim, podemos ressaltar dois fatores principais, considerados por Lipman, que fazem parte da natureza do homem e de seu desenvolvimento em sociedade: o espírito filosófico e a educação. O homem é um ser que está sempre buscando coisas novas, inventando, criando, questionando, investigando para solucionar problemas, enfim, possui um espírito filosófico insatisfeito com o que está pronto. Principalmente na criança existe com maior intensidade esse espírito investigativo, sendo uma fase da vida que não pode passar despercebida, principalmente durante os primeiros anos escolares. Dessa forma, a proposta de Lipman vai ao encontro da realidade do homem, oferecendo uma forma de não desperdiçar o momento intenso de descobertas e experiências novas que a criança vive. (BROCANELLI, 2010, p. 29).

As ideias do autor e a sua preocupação com a educação fizeram com que fosse elaborado um programa educacional conhecido como Programa de Filosofia para Crianças. A partir deste Programa as crianças teriam um melhor aproveitamento desta primeira fase escolar e assim uma preparação para toda a vida, a partir de discussões acerca da atualidade, sem, no entanto, ferir a mente das crianças, ou seja, as mesmas não seriam tratadas como mini adultos e sim como crianças.

Quando o espírito de curiosidade, de investigação (LIPMAN, 1990, p. 38) estiver dominando totalmente as crianças dentro do universo da sala de aula, elas irão trabalhar com maior facilidade de compreensão em todas as outras disciplinas. Kohan faz a seguinte colocação:

As regras e os princípios do pensar aparecem sempre ligados à experiência que as crianças estão vivendo: perguntam-se o que significa pensar para em seguida indagar quanto e como se pensa numa escola, para que ir à escola e como deveriam ser as escolas; constata os preconceitos que habitam no pensar de muitos adultos e, então, perguntam-se quantos preconceitos existem na sua própria escola; aprendem o valor do diálogo no processo de conhecimento e exigem o diálogo como modo de fazer frente aos problemas que se apresentam na escola e fora dela. (KOHAN, 1998, p. 86).

Desta maneira pode-se observar a contínua preocupação ou ênfase do autor a respeito do questionamento contínuo dentro da sala de aula por meio da Filosofia. Este é realmente o papel dela: fazer com que o aluno aprenda a viver e a pensar bem através do diálogo do saber, confrontar-se com as realidades do cotidiano, alcançando assim soluções ou respostas que apresentem clareza e autonomia.

Segundo Lorieri (2012, p. 04), por meio do Programa Filosofia para Crianças, espera-se que após um primeiro contato com o material elaborado (as denominadas novelas filosóficas), as crianças e jovens sintam-se provocados a expressarem as suas próprias questões, a compará-las com as questões dos próprios personagens, e desta maneira tornem-se alunos capacitados a sempre investigarem, sempre procurando respostas novas. O mesmo autor continua,

É importante notar que, na proposta do Programa Filosofia para Crianças, o que se busca não é um trato direto com as produções dos chamados Grandes Filósofos. O que se busca é manter vivas e interessantes às questões filosóficas que são próprias de todos os seres humanos de tal modo que, no momento oportuno, estas crianças e jovens se sintam convidados ao exame cuidadoso e sistemático da produção filosófica acumulada historicamente. Mas, mais importante que isso, o que se busca é o desenvolvimento de maior capacidade para que todas as pessoas possam participar da produção histórica das chamadas respostas filosóficas podendo não correr o risco de serem simplesmente doutrinadas. (LORIERI, 2012, p. 04).

A contínua preocupação de Lipman está centrada no que diz respeito à investigação. A Filosofia para o autor é algo importante nas séries iniciais por que favorecerá aos alunos o estímulo da investigação, de uma curiosidade que facilitará o diálogo, diálogo este confrontado a partir das novelas filosóficas com o próprio cotidiano de cada um. É bom ressaltar que o autor não está preocupado em transmitir uma Filosofia dos grandes nomes, a

sua preocupação está centrada no diálogo investigativo transformado em Filosofia nas escolas.

Afirma Souza, (2013, p. 21), o estudo de Filosofia é responsável pela educação dos nossos pensamentos, da nossa razão, principalmente se nos colocarmos num diálogo filosófico junto com os outros, todos inseridos na comunidade de investigação, produzindo Filosofia.

As crianças não captarão os significados simplesmente aprendendo conteúdos do conhecimento do adulto, elas precisam ser ensinadas a pensar e, em particular, a pensarem por si mesmas. As crianças aprendem lógica ao mesmo tempo em que aprendem linguagem. As regras da lógica, assim como as da gramática, são adquiridas quando as crianças aprendem a falar. Se dissermos a uma criança bem pequena “se você fizer isso você apanha”, pressupomos que a criança entende e que “se não quero apanhar, eu não devo fazer isso”. Esta pressuposição geralmente está correta. As crianças bem pequenas, em outras palavras, reconhecem que negar o consequente exige negação do antecedente. Embora isso seja um exemplo de um raciocínio muito sofisticado, as crianças são capazes de fazê-lo ainda bem pequenas. (LIPMAN, 2001, p. 34 apud SOUZA, 2013, p. 22).

Lipman explica que desde muito cedo as crianças são capazes de pensar, fazendo deduções. No entanto, para que elas pensem bem é necessário que façam mais do que inferências, é necessário a formação de um pensamento crítico, reflexivo; que desenvolvam uma boa argumentação, enfim, tornem-se capazes de boas respostas. Por meio do contato com o material filosófico apresentado pelo programa, a Filosofia torna-se um estudo prazeroso onde os alunos podem estar sempre fazendo ligações das suas vidas com a vida dos personagens.

Continua Souza (2013, p. 23), que é importante lembrar que, quando trabalhamos filosofia com crianças, podemos observar que elas possuem uma grande inclinação ao diferente, ao novo, sempre repletas do espírito de curiosidade; da mesma maneira que as crianças aprendem a andar e falar, elas também aprendem filosofia. A Filosofia faz com que as crianças viajem pelo seu mundo. A partir da curiosidade da criança, do interesse pelo diferente Brocanelli assegura,

Assim, segundo Lipman, não se pode fazer uma correção apenas em alguns pontos mais críticos sem antes pensar em estratégias para a melhora de toda a educação, proporcionando maior qualidade educacional para todos os que nela apostam. A qualidade educacional está na inter-relação da escola com a vida da criança e do jovem. Durante os primeiros anos da infância tudo é novo, tudo é uma descoberta e as relações que faz com o mundo tem sentido. Até mesmo a escola no início está cheia de sentido, mas, com o passar do tempo, desaparece o encantamento, o que desestimula a sua participação na sala de aula, passando a aprender somente para passar nos exames. (LIPMAN, 1994, p. 31 apud BROCANELLI, 2010, p. 31).

Lipman apresenta também a crítica voltada ao espaço escolar. A escola deve estar sempre buscando um aperfeiçoamento de como deverá instruir os alunos em sala. O ensino de filosofia, assim como das demais disciplinas não deve tornar-se algo enfadonho, já que o objetivo é fazer com que os alunos pensem, investiguem, deste modo, a escola e os seus professores deverão especializar-se neste ensino que causa prazer, deixando passar para as crianças e jovens o interesse pelas suas vidas, pela sua formação como cidadãos, enfim, uma comunidade onde todos se sintam bem na relação aluno-aprendizado.

Desta forma, continua Brocanelli (2010, p.32), o que poderia estimular a participação e a conservação das crianças e dos jovens numa procura de significados é o próprio contado com o ambiente que cause a investigação e o diálogo, ou seja, dentro de um ambiente assim as crianças buscarão descobrir todos os significados que estão inseridos nas informações que receberam por meio dos professores e colegas na sala de aula. Assim, não é necessário que sejam estudados textos somente de filosofia, e sim um material que volte a atenção à reflexão e ao debate.

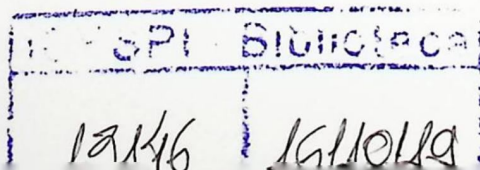
Mais uma vez podemos observar que a preocupação de Lipman está voltada ao campo investigativo, ou seja, o material a ser trabalhado nas escolas deve estar sempre proporcionando um diálogo entre os alunos, causando uma certa inquietação neles e assim, a partir da inquietação, aprendam a formar o pensamento. Acentua Brocanelli,

Quando as pessoas se envolvem num diálogo, são levadas a refletir, a se concentrar, a levar em conta as alternativas, a ouvir cuidadosamente, a prestar muita atenção às definições e aos significados, a reconhecer alternativas nas quais não havia pensado anteriormente e, em geral, realizar um grande número de atividades mentais nas quais não teria se envolvido se a conversação não tivesse ocorrido. (LIPMAN, 1994, apud BROCANELLI, 2010, p.32).

O diálogo investigativo é a porta de acesso ao estudo de Filosofia para crianças. Como afirma o autor, é por meio do exercício dialógico, do questionamento, que as crianças formarão o seu pensamento e se tornarão capazes de pensar bem, de uma forma clara e objetiva.

Lipman, conforme Silveira (2003, p.06), pretende que os alunos pensem, reflitam, para que desta maneira seja desenvolvido a todo instante o uso da razão, assim como também possam desenvolver a capacidade de serem criteriosos, em resumo, de tornarem-se pensadores excelentes ou pensadores de ordem superior.

É ainda Silveira (2015), que afirma que, para o filósofo, a educação interfere diretamente no modo funcional e organizacional da sociedade e esta forma de interferência



tanto pode ser para uma correção como também pode ser uma contribuição para grandes imperfeições.

Matthew Lipman também enfatiza a importância do estudo filosófico desde cedo, a partir da concepção de que se as crianças pensam bem, de forma coerente, se aprendem a refletir, a fazer uso da razão, logo, teremos uma sociedade formada por cidadãos que saberão conduzir bem todo o meio social em que vivemos, do contrário teremos uma sociedade repleta de imperfeições.

Se examinarmos nosso sistema educacional com essa fraqueza, é absolutamente previsível que seremos obrigados a concluir não apenas que é imperfeito, mas que suas imperfeições são muito mais responsáveis do que gostaríamos de admitir pelas graves circunstâncias em que o mundo se encontra atualmente. Se lamentamos nossos líderes e nossos eleitores por serem egoístas e não esclarecidos, devemos nos lembrar que eles são produtos de nosso sistema educacional. Se protestamos, como um fator atenuante, que eles são também produtos de lares e famílias, devemos lembrar que os pais e avós dessas famílias são igualmente produtos do mesmíssimo processo de educação. Como educadores, temos uma enorme responsabilidade pela irracionalidade da população mundial. (LIPMAN, apud SILVEIRA, 2015).

Reconhecemos assim, que para o autor, ao elaborar o Programa Filosofia para Crianças, uma de suas preocupações é com a formação da sociedade, e para se ter uma sociedade esclarecida é necessário em primeiro lugar uma educação qualificada, que faça com que desde a tenra idade o ser possua uma capacidade de pensar bem.

Kohan, como afirma Brocanelli (2010, p. 90), defende que devemos reconhecer que a grande iniciativa de Matthew Lipman favoreceu um novo caminho a ser percorrido dentro da educação, especialmente no que diz respeito às crianças que podem participar cada vez mais ativamente das discussões e decisões que surgem dentro das salas de aula, e também aproveitar aquilo que o Programa apresenta como uma maneira de melhoria da educação em diversos aspectos.

Enfatiza Brocanelli (2010, p.106), que quando é exposta as preocupações de Matthew Lipman no que se refere à educação e a elaboração do Programa de Filosofia para Crianças, podemos ver claramente que o seu propósito é oferecer uma educação que possa atender as necessidades integrais do ser humano. Desse modo, a Filosofia para Crianças é um primeiro caminho que oferece alternativas para uma melhor educação, que esteja preocupada com a formação humana e um modo de pensar crítico.

Contudo, podemos afirmar que a educação proposta por Matthew Lipman encontra-se repleta de grandes expectativas para o ensino de Filosofia nas escolas, pois o filósofo preocupa-se desde as bases do programa até uma transformação da sociedade por meio do

saber pensar, fazendo assim, uma comparação do ensino tradicional com a riqueza inserida nesta nova maneira de ensinar, tudo desenvolvido por meio da investigação e do diálogo. Enfim, o nosso autor deixa claro que é possível fazer filosofia desde as séries primárias.

Ainda há muito a ser discutido sobre o ensino de filosofia nas séries primárias. No entanto, a partir da leitura de *Ensino de Filosofia*, podemos observar a importância de pensar a filosofia desde as séries primárias, não apenas como uma disciplina curricular, mas como uma prática filosófica que pode ser desenvolvida em sala de aula, desde que haja uma orientação adequada por parte do professor.

Desde os primeiros momentos da vida, o ser humano já está em contato com a realidade e, portanto, com a filosofia. É importante que o professor esteja atento a isso e que não deixe de explorar as questões filosóficas que surgem no cotidiano das crianças. Assim, o ensino de filosofia pode ser desenvolvido de maneira integrada com outras disciplinas, tornando-se uma prática educativa mais rica e significativa.

2.1 A Filosofia na Sala de Aula

Nas salas de aula, a filosofia pode ser desenvolvida de maneira integrada com outras disciplinas. É importante que o professor esteja atento a isso e que não deixe de explorar as questões filosóficas que surgem no cotidiano das crianças. Assim, o ensino de filosofia pode ser desenvolvido de maneira integrada com outras disciplinas, tornando-se uma prática educativa mais rica e significativa.

Quando se trata de ensinar filosofia nas séries primárias, é importante que o professor esteja atento a isso e que não deixe de explorar as questões filosóficas que surgem no cotidiano das crianças. Assim, o ensino de filosofia pode ser desenvolvido de maneira integrada com outras disciplinas, tornando-se uma prática educativa mais rica e significativa.

Quando se trata de ensinar filosofia nas séries primárias, é importante que o professor esteja atento a isso e que não deixe de explorar as questões filosóficas que surgem no cotidiano das crianças. Assim, o ensino de filosofia pode ser desenvolvido de maneira integrada com outras disciplinas, tornando-se uma prática educativa mais rica e significativa.

Quando se trata de ensinar filosofia nas séries primárias, é importante que o professor esteja atento a isso e que não deixe de explorar as questões filosóficas que surgem no cotidiano das crianças. Assim, o ensino de filosofia pode ser desenvolvido de maneira integrada com outras disciplinas, tornando-se uma prática educativa mais rica e significativa.

Quando se trata de ensinar filosofia nas séries primárias, é importante que o professor esteja atento a isso e que não deixe de explorar as questões filosóficas que surgem no cotidiano das crianças. Assim, o ensino de filosofia pode ser desenvolvido de maneira integrada com outras disciplinas, tornando-se uma prática educativa mais rica e significativa.

3 PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS NO PENSAMENTO DE MATTHEW LIPMAN

Após longos anos de estudos relacionados ao campo filosófico e também ao exercício em sala de aula, Matthew Lipman observou a importância de filósofos da história para a elaboração ou contribuição aos seus pensamentos e proposta educacional. Grandes pensadores desde a Idade Antiga foram tidos como inspiração para a formação pedagógica do seu projeto.

Dentre os filósofos destacados pelo autor, daremos um enfoque especial ao pensamento de Sócrates, com o seu método de ensino na Filosofia antiga, John Dewey, considerado um dos mais importantes para formação de Lipman e Vygotsky, que traz a contribuição histórico-cultural.

3.1 A Filosofia Grega

Nas mais determinadas circunstâncias, Lipman busca a autoridade de Sócrates e Platão para afirmar que há uma determinada possibilidade de se trabalhar filosofia na infância. Afirma, por exemplo, que Sócrates iria considerar um absurdo uma separação entre adulto e criança, havendo assim, a capacidade de uma conversação entre jovens e velhos (LIPMAN, 1990, apud SILVEIRA, 2003, p. 31). Assinala Scolnicov (1999, p.90),

Sócrates é sempre um bom ponto de partida. Sócrates, assim nos contam, nos ensinou a pensar. Dele aprendemos que pensar é uma arte dialógica, certamente em seus primeiros estágios protrepticos. “investiguemos juntos”, ele dizia, e “vamos aonde nos levar o logos”. E, segundo, ele fez explícito que pensar é propor problemas e tentar chegar a soluções. Mas, é claro, nem todo pensamento é filosofia.

Compreende-se que a filosofia não é como outra disciplina. É necessário que haja um despertar acerca do pensamento reflexivo, geral e explícito. Podemos observar, a partir dos diálogos socráticos, que a sua intenção é fazer com que a pessoa volte a um contexto filosófico, e não propriamente à pura filosofia.

Conforme Silveira (2003, p.31) não se encontra advertência partindo de Sócrates no que diz respeito a um estabelecimento de determinados limites de quando fazer Filosofia com pessoas de idades diferentes. O fazer Filosofia não está relacionado à idade do indivíduo, mas sim a uma capacidade de reflexão acerca daquilo que se considera importante.

Quando nos referimos ao método filosófico de Sócrates (BROCANELLI, 2010, p.37), a atividade do mestre utilizando à maiêutica, para Matthew Lipman, já é o suficiente para que

o aluno busque aprender a descobrir novos caminhos mais seguros voltados a uma capacidade de raciocinar criticamente e desenvolver suas próprias ideias. A partir deste princípio cabe ao educador estimular em sala de aula a discussão entre os mais variados temas vividos pelos próprios alunos no cotidiano. Acentua Scolnicov (1999, p.90),

A razão de ser um diálogo protreptico é o reconhecimento de que nenhuma situação é, em si só, problemática. Eutífron, Laques, Menon, e tantos mais dos que conversam com Sócrates, não veem nenhum problema em dizer o que é a piedade, a coragem, a virtude. Essa é uma das principais lições da caverna. No caso típico, há necessidade de um Sócrates que problematize a situação, que nos arraste para fora da caverna. O problema com a maioria dos dialogantes com Sócrates nos primeiros diálogos é que eles não veem a situação problemática. Quando eles, ou melhor, se a veem assim, eles já estão engajados em filosofia. É essa a diferença. O passo decisivo não é o que se dá em direção à solução do problema, mas o que se dá em direção ao reconhecimento de que existe um problema.

Desta maneira compreendemos o que o nosso autor traz para a sala de aula. Como Sócrates utiliza de um modo de instigar os seus dialogantes a perceberem a existência de um determinado problema que deve ser reconhecido e a partir deste momento procurar solucioná-lo com base na filosofia, Lipman atualiza tal forma de agir utilizando agora a figura do professor que deve ser o responsável em desenvolver a capacidade de problematização entre os alunos.

Sócrates nos esclarece (BROCANELLI, 2010, p.39) que a reflexão é um ofício, e não se pode desenvolver tal arte pelos outros. É algo insubstituível. Para que um determinado conceito possa ser achado, o mesmo defende um estudo a partir de um método ou passos que o conduzirá especificamente. Desta forma, o ensino de filosofia realizado através do diálogo é tão seguro que o ouvinte passará a compreender como o mestre, uma forma crítica de pensar relacionada à realidade em que se está inserida.

Sócrates partindo das famosas máximas: "Conhece-te a ti mesmo" e "Sei que nada sei" deflagra uma nova postura diante do conhecimento, entendendo-o não como uma sabedoria em si mesmo mas, processo e busca da verdade, cujo percurso nos torna mais humildes pela nossa reconhecida ignorância e obstinados no prosseguimento. Sócrates nos mostra como pensar. Pela conversação, pelo diálogo, pelo uso cuidadoso das palavras, pelo ouvir e falar se desenvolve o pensar que deve estar fundado na lógica e na experiência. "A vida sem o teste da crítica não vale a pena ser vivida", afirma Sócrates. O aporte da maiêutica e da dialética socrática através da análise, crítica, refutação e indução são fontes inspiradoras para Lipman. Pretendendo recuperar a curiosidade, a admiração e o deslumbramento sufocados pela educação impositiva, não-diálogica, procura resgatar o entendimento da filosofia como a dimensão privilegiada da *pergunta*, instaurando um campo fértil para a indagação, o combate ao tradicionalismo exacerbado, ao acomodamento intelectual e aos preconceitos cristalizados pelos costumes. (HENNING, 2001, s.p).

A partir do que nos é apresentado, (BROCANELLI, 2010, p. 40) vale ressaltar que o mais importante é fazer um paralelo com o pensamento de Lipman no que diz respeito a refutação e a maiêutica, ou seja, a refutação fará com que o interlocutor perceba a ignorância que traz consigo, onde buscará agora a verdade. Sócrates nos diz que todos nós temos ou trazemos a verdade no nosso ser, no entanto, esta verdade está encoberta por outros saberes que nos são impostos, causando desta maneira a permanência na ignorância.

Enquanto “parteiro das almas”, (HENNING, 2001), Sócrates nos apresenta uma estrutura de auxílio e não de um pai em relação àquele que está por “parir” as ideias, ou seja, de instigador, que será responsável por desenvolver um trabalho de um desejo de conhecimento interior, e pelos juízos que fazemos acerca das coisas. Há uma necessidade de desenvolver o pensamento por si mesmo, sempre desejosos em adquirir um pensamento autônomo, crítico, cuidadoso e sutil.

O método filosófico de Sócrates nos traz a noção de como é feita a Filosofia, desta forma podemos observar tamanha contribuição no programa de Lipman a partir da Comunidade de Investigação criada dentro da sala de aula. Brocanelli nos assegura,

Da mesma forma, na Comunidade de Investigação pensada por Lipman, é dever de cada participante ouvir os demais e pesar suas palavras. Cada membro da Comunidade de Investigação tem uma posição e uma visão própria, as quais devem ser discutidas e reestruturadas dentro de padrões de verdade. Portanto, Lipman defende que não se deve simplesmente imitar o método da dialética desenvolvido por Sócrates, mas pensar por métodos próprios de acordo com a realidade, ou seja, criar instrumentos e métodos que funcionem na educação atual. (LIPMAN, 1994 apud BROCANELLI, 2010, p. 41).

Desta maneira podemos observar tamanha contribuição do pensamento socrático na filosofia do autor. Matthew Lipman utiliza-se da Filosofia de Sócrates para desenvolver a investigação e a busca de novas soluções ou respostas para as inquietações que o ser humano traz consigo.

3.2 A grande influência do pensamento e da pedagogia de John Dewey

Como sabemos o pensamento de John Dewey favoreceu de maneira intensa para a construção ou elaboração da Filosofia de Lipman. O autor utiliza do método crítico criativo para desenvolver o seu programa filosófico com as crianças e os jovens na sala de aula. Existem muitos pontos em comum do pensamento pedagógico de Dewey com o modo de fazer filosofia proposto por Lipman.

O homem é um ser que possui a capacidade de aperfeiçoamento do pensamento, pode pensar melhor (DEWEY, 1959, apud BROCANELLI, 2010, p.43). O pensamento aflora da mente humana sem que possamos parar, no entanto, é possível que se desenvolva um aperfeiçoamento destes pensamentos, tornando assim pensamentos eficientes. Dewey nos convida a partirmos para um aprofundamento do pensamento a partir do que nos é apresentado, ou seja, se observamos uma determinada cena ou acontecimento somos convidados a um aprofundamento reflexivo a respeito do que aconteceu e assim dar uma consideração séria. Destaca Kohan (1998, p. 120-121),

Para Dewey, a educação é um processo contínuo de recriação, organização ou reconstrução individual e social da experiência do estudante. Isto significa que o fim de todo processo educativo é a transformação, o enriquecimento da qualidade dessa experiência. A educação enriquece esta experiência de duas maneiras: potencializando seu sentido (ampliando a percepção de ligações e continuidades na experiência do estudante) e fornecendo ao estudante ferramentas que lhe permitam antecipar consequências, e assim conduzir a sua experiência futura. É preciso mostrar que nesta reconstrução da experiência os fins identificam-se com o processo: a finalidade da experiência educativa é conferir sentido a própria experiência educativa. Não há um fim que a transcenda.

A capacidade de refletir a partir de uma boa educação fará com que o ser humano largue as margens da ignorância e aprofunde-se num conhecimento mais sólido, onde usará do princípio da reflexão para tornar-se um ser com ideias organizadas, capaz de ser diferenciado como uma pessoa civilizada e não um selvagem.

O filósofo (BROCANELLI, 2010, p. 44) irá considerar a razão como algo de básico que o ser humano traz consigo, no entanto, é possível um aperfeiçoamento por causa da abertura a novas descobertas e da capacidade de aprendizado de novas maneiras de conhecimento. As crianças apresentam uma grande capacidade de organização do pensamento de uma maneira lógica e isso pode ser melhorado a cada dia de maneira gradativa, aproveitando assim uma fase rica em curiosidades e descobertas. Assinala Kohan (1998, p.122),

Dewey distinguiu o pensar e o julgar, por um lado, e o conhecer pelo outro. Ele propôs considerar a escola como um espaço de construção social do pensar e de formação e exercício da capacidade de julgar das crianças, e não como um lugar de transmissão de conhecimentos. O pensar e o julgar desenvolvem capacidades e forças ativas, como a habilidade de discriminar ou selecionar, enquanto adquirir informação promove uma aprendizagem impotente sem o auxílio do julgar ou do pensar. O julgar e o pensar são hipotéticos, projetam-se sobre um futuro; já o conhecer procura apreender o que é dado. Ao passo que o julgar e o pensar devem partir sempre de uma experiência, o conhecimento, como informação a respeito dessa experiência, será permanentemente um material indispensável ao pensar, mas nunca um fim em si mesmo: é apenas uma fonte ou alimento de um processo de

questionamento e investigação cujo propósito é melhorar o pensar e a capacidade de julgar dos estudantes.

Assim como Dewey, com a sua preocupação na formulação do pensamento da criança, Matthew Lipman dá ênfase neste ponto crítico do ser humano, ou seja, a capacidade de argumentação a partir daquilo que é estudado, sendo assim, o nosso autor assegura juntamente com Dewey que a escola não pode oferecer algo de tão valioso para o aluno do que proporcionar uma habilidade do pensamento, e tal habilidade só será desenvolvida por meio do ensino de Filosofia.

A Filosofia (KORAN, 1998, p. 123) é a disciplina responsável por cultivar o modo de pensar dos alunos a partir das experiências, dando uma definição às dificuldades que são apresentadas e oferecendo caminhos para serem percorridos no enfrentamento dos problemas. É uma perspectiva hipotética como todo pensamento, no entanto, o pensamento deve estar focado numa forma de recriação ou reconstrução da experiência problematizada. Dewey atribui à filosofia a função de converter de uma maneira cada vez melhor o pensamento, ou seja, um modo de pensar revolucionário que deve ser apoiado pelas escolas de maneira que favoreçam os alunos a sentirem-se capacitados a praticarem filosofia a partir de um processo de reconstrução daquilo que eles vivem.

Para se ter uma educação plena, é preciso ser capaz de tratar cada disciplina como uma linguagem e de pensar fluentemente nessa linguagem; de ser culto em seu raciocínio, assim como em tudo o mais, lembrando que o raciocínio é mais efetivamente cultivado no contexto da filosofia; e de demonstrar habilidades educacionais não meramente como aquisições de propriedades intelectuais ou como o acúmulo de um capital espiritual, mas como uma apropriação genuína que resulta no engrandecimento do ser. Por ser a filosofia a disciplina que melhor nos prepara para pensar nos termos das outras disciplinas, tem de lhe ser dado um papel central nos estágios iniciais (assim como nos posteriores) do processo educacional. (LIPMAN, 1990, p. 35).

Partindo da proposta educativa de Dewey, nosso autor constrói o edifício da comunidade de investigação filosófica em sala de aula dentro do seu programa, tornando possível a discussão construtiva a partir da realidade revolucionária que as crianças e jovens trazem consigo. A filosofia tem em si esta capacidade de abrir o pensamento das crianças para que adentrem com maior facilidade na linha de raciocínio das demais disciplinas, contudo, a filosofia deve introduzir de forma primeira o interesse pela investigação.

Dewey pensa em filosofia de educação, ou seja, não pensa somente em quais são seus problemas e soluções, mas a educação que deve acontecer como uma realidade que tem que funcionar, independentemente de ser ela tradicional ou progressiva. Em

seu livro *Experiência e educação* fica claro este pensamento. Ele diz: “educação, para realizar os seus fins, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, deve basear-se em experiência – que é sempre experiência atual de vida de algum indivíduo” (DEWEY, 1971, p. 95). E, ainda, ele afirma com categoria: “Faremos progresso mais seguro e mais rápido se nos devotarmos a buscar o que seja educação e quais as condições a satisfazer para que seja uma realidade e não um nome ou uma etiqueta” (DEWEY, 1971, p. 97 apud BROCANELLI, 2010, p. 50-51).

A partir dessa ideia de Dewey (BROCANELLI, 2010, p. 55), Lipman questiona se é possível ou não uma criança fazer filosofia. De fato, a intenção nosso autor é chegar à verdadeira noção de comportamento filosófico. Desta maneira, ele afirma que o comportamento causado pela filosofia deve ser manifestado dentro e fora da escola e num primeiro momento o que importa nesta fase da vida é um verdadeiro contato com as discussões de conteúdos filosóficos, ou seja, a criança está sempre aberta a receber novas informações que lhe causem interesse, e que tragam algum significado para a sua vida.

O pensamento de Dewey está organizado a partir de um estudo utilizando-se da lógica. Para que se desenvolva de forma organizada a investigação é necessário que haja um ordenamento do pensamento a respeito do que está sendo investigado, ou seja, quando procuramos trabalhar algo a partir do senso comum, trata-se somente daquilo que já se passou, e a sua conclusão será aceita por todos sem questionamento, diferentemente de quando utilizamos uma investigação científica que fará com que se utilize da lógica para direcionar aquilo que está sendo investigado, sem deixar de sublinhar que os resultados obtidos numa investigação científica abrirão meios para conclusões de questionamentos que irão surgir depois.

O filósofo aborda a lógica dentro do seu Programa educacional como aquela que ordena as estruturas das frases, que tem como função dar razões a partir do momento em que é avaliado o que está sendo afirmado e também aquela que proporciona uma ação racional, padronizando o comportamento da razão.

Em virtude de as regras da lógica formal regerem as frases, podem ser usadas para ajudar a desenvolver uma espécie de autoconsciência. Elas proporcionam um meio para captar e examinar os próprios pensamentos de um modo estruturado e claro. As regras são mais úteis para ajudar as crianças a perceberem que podem pensar sobre o pensar de uma forma ordenada, e menos úteis nas aplicações do dia a dia. (LIPMAN, 1994, p. 179 apud BROCANELLI, 2010, p. 58).

Esclarece-se que a partir do momento em que as crianças pensam melhor, de maneira organizada, elas poderão avaliar melhor o que elas mesmas pensam em sala de aula. Este é o foco do Programa Filosofia para Crianças: desenvolver uma forma de pensamento organizado

a partir da lógica formal, favorecendo assim uma forma de fazer filosofia partindo dos próprios questionamentos levantados no grupo.

Para alcançar tais metas propostas por Lipman (BROCANELLI, 2010, p. 58) é necessário um primeiro contato dos alunos com as denominadas novelas filosóficas e as discussões abordadas pela Comunidade de Investigação. A partir de então a capacidade de raciocínio das crianças tende a aumentar e assim começam a pensar de forma ordenada por si mesma. Assinala Lipman (1995, p. 167),

Pode parecer que a filosofia para crianças seja uma melhor versão do pensar crítico e que estaria melhor situada dentro dos ditames da filosofia aplicada: ela é um exemplo claro da filosofia aplicada à educação com o propósito de produzir alunos com uma eficácia melhor em questões de raciocínio e julgamento. Existem, no entanto, algumas diferenças significativas, não sendo a menos importante delas que outras formas de filosofia aplicada representam uma intervenção por filósofos com o objetivo de esclarecer ou solucionar problemas enfrentados por não filósofos, ao passo que a filosofia para crianças é uma intervenção que objetiva conseguir com que os próprios alunos filosofem.

A partir do que nos é apresentado, podemos perceber que a ligação do pensamento de Dewey com a filosofia de Lipman se dá por meio do uso da lógica dentro do Programa educacional elaborado pelo autor. Ele deixa claro que sem o uso da lógica é impossível se ter uma forma de pensamento organizado e sucessivamente se alcance conclusões verdadeiras. Desta forma, enquanto Dewey pensou na lógica para o conhecimento do homem, Lipman valeu-se das suas ideias para elaborar o seu programa que valoriza todo o conteúdo filosófico e lógico como método para um pensar melhor.

3.3 A influente psicologia de Vygotsky

Para finalizarmos este segundo capítulo faremos algumas considerações acerca do pensamento de Vygotsky, e da sua psicologia do desenvolvimento, que contribuíram na elaboração do Programa Filosofia para Crianças de Matthew Lipman.

Apesar do pouco tempo vivido, Vygotsky muito contribuiu para a educação russa a partir das suas obras. Antes de dedicar-se ao campo da Psicologia, estudou Filosofia, as Artes e as Ciências Sociais. Um tempo mais tarde dedicou-se com empenho ao estudo comportamental das crianças a partir de estudos realizados por meio de outros especialistas, com o intuito de desenvolver uma pesquisa relacionada ao desenvolvimento da psicologia do homem e a maneira de como se desenvolve a partir do meio em que você se encontra.

1) Qual a relação entre os seres humanos e o seu ambiente físico e social? 2) Quais as formas novas de atividade que fizeram com que o trabalho fosse o meio fundamental de relacionamento entre o homem e a natureza e quais são as consequências psicológicas dessas formas de atividade? 3) Qual a natureza das relações entre o uso de instrumentos e desenvolvimento da linguagem? (VYGOTSKY, 1998, p. 25 apud BROCANELLI, 2010, p. 61).

A partir do que é apresentado (PISONI, 2012, p. 148), podemos ter uma visão de como se direcionava os estudos de Vygotsky acerca da Psicologia do Desenvolvimento, tudo está direcionado a experimentos. A criança inicia seu processo de aprendizagem antes de adentrar ao mundo escolar, no entanto, o ambiente escolar é responsável por introduzir novos elementos no desenvolvimento infantil. Para Vygotsky a aprendizagem é um processo continuado e a educação é responsável pela qualificação do indivíduo de um nível a outro. É posto em destaque dois tipos de desenvolvimentos no aprendizado infantil: o desenvolvimento real, que se refere às conquistas que as crianças já desenvolvem sozinhas, sem a necessidade do auxílio de um outro e o desenvolvimento potencial, que se refere à capacidade que as crianças possuem de aprender por meio do auxílio de um outro, ou seja, é a capacidade de aprendizado por meio de experiências, como o diálogo e a imitação.

É possível notar uma crítica acerca do modo de avaliar a criança somente a partir daquilo que ela já é capaz de desenvolver sozinha. Lipman enfatiza a necessidade de estimular a criança a um aprendizado cheio de novas experiências. Se as crianças recebem um auxílio dentro da sala de aula hoje, elas serão capazes de desenvolver sozinhas, amanhã aquilo que aprenderam.

Se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas. Mas o desempenho desse papel só se dará adequadamente quando, conhecendo o nível de desenvolvimento dos alunos, a escola dirigir o ensino não para etapas intelectuais já alcançadas, mas para estágios de desenvolvimento ainda não incorporados pelos alunos, funcionando realmente como um motor de novas conquistas psicológicas. Para a criança que frequenta a escola, o aprendizado escolar é elemento central no seu desenvolvimento. O processo de ensino-aprendizado na escola deve ser construído, então, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança – num dado momento e com relação a um determinado conteúdo a ser desenvolvido – e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos pela escola, supostamente adequados à faixa etária e ao nível de conhecimentos de cada grupo de crianças. O percurso a ser seguido nesse processo estará balizado também pelas possibilidades das crianças, isto é, pelo nível de desenvolvimento potencial que elas possuem. (KOLL, 2010, p. 64).

É possível notar que o professor deve desempenhar a função de colaborador do aprendizado dentro da sala de aula. A partir do momento em que a criança é auxiliada por um adulto é possível notar o seu desenvolvimento. Vygotsky insiste na afirmação de que

aprendizado e desenvolvimento percorrem o mesmo caminho, no entanto, o aprendizado está acima, pois o desenvolvimento depende do aprendizado.

Matthew Lipman se interessou pelas teorias de Vygotsky por causa da valorização do desenvolvimento da criança a partir do meio em que ela está inserida, considerando assim um crescente aprendizado. Podemos perceber desta forma que a Psicologia do Desenvolvimento desperta em Lipman a necessidade de fazer da sala de aula um ambiente de reflexão onde possa se desenvolver um contínuo diálogo, ou seja, não haja grandes diferenças ou distâncias entre professor e aluno.

A.1 A estrutura do Programa

O design curricular do Programa de Lipman não é simplesmente que os alunos tenham acesso à filosofia no âmbito da filosofia, mas de proporcionar experiências para os alunos em termos de participação ativa em discussões coletivas que sejam capazes de gerar reflexão, de desenvolver argumentação, de gerar ideias próprias e de compreender a filosofia a partir da realidade em que os alunos vivem. Assim, a filosofia é abordada de uma maneira própria onde os professores sejam responsáveis pela mediação entre os alunos e a filosofia dentro do Programa. A parte da organização dos conteúdos, de acordo com os conteúdos e objetivos, é um importante elemento da estrutura curricular (LIPMAN, 1991, p. 20).

A parte da elaboração da metodologia é um elemento importante no âmbito da filosofia, que envolve o design de experiências que possam ser realizadas em sala de aula, envolvendo os alunos em discussões coletivas que sejam capazes de gerar reflexão, de desenvolver argumentação, de gerar ideias próprias e de compreender a filosofia a partir da realidade em que os alunos vivem. Assim, a filosofia é abordada de uma maneira própria onde os professores sejam responsáveis pela mediação entre os alunos e a filosofia dentro do Programa. A parte da organização dos conteúdos, de acordo com os conteúdos e objetivos, é um importante elemento da estrutura curricular (LIPMAN, 1991, p. 20).

A metodologia pedagógica curricular de Lipman (LIPMAN, 1991, p. 20) tem um foco na elaboração de experiências que possam ser realizadas em sala de aula, envolvendo os alunos em discussões coletivas que sejam capazes de gerar reflexão, de desenvolver argumentação, de gerar ideias próprias e de compreender a filosofia a partir da realidade em que os alunos vivem.

4 PROPOSTAS PARA UMA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA NAS SÉRIES INICIAIS E UMA INICIATIVA DO PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO BRASIL

Lipman, identificando que as salas de aula ainda permaneciam com um estilo de educação tradicional, onde o professor assume a posição de mestre e ditador e que o aprendizado está voltado ao modo aprisionado, obrigatório, vê a necessidade da elaboração de uma estrutura educacional que traga o aluno para o centro favorecendo um aprendizado por meio da investigação a partir dos conteúdos apresentados pelos livros, da reflexão e também das próprias realidades em que cada um se encontra. A partir de então, surge o Programa Filosofia para Crianças onde o autor preocupa-se na participação ativa do aluno, podendo expressar as suas concepções e opiniões sobre a realidade.

4.1 A centralidade do Programa

O desejo central do Programa de Lipman não é simplesmente que as crianças saibam tudo de Filosofia ou da História da Filosofia para desenvolverem apresentações para os demais em turma. Sua preocupação consiste em formar indivíduos que sejam capazes de pensar melhor, de maneira organizada, onde possam habituar-se a um comportamento filosófico a partir do momento em que são colocados diante de temas de Filosofia. No entanto, para que seja possível este desenvolvimento dos alunos, é necessária a elaboração de uma metodologia própria onde os professores sejam capacitados com exclusividade para o trabalho dentro do Programa. A partir da capacitação dos educadores, as crianças serão estimuladas a abraçarem um comportamento filosófico de maneira criativa. (LIPMAN, 1990, p. 206).

A partir da elaboração da metodologia a ser desenvolvida em sala de aula, Lipman expressa o desejo do aprofundamento das crianças nos temas filosóficos traduzidos numa linguagem mais acessível. Os assuntos de Filosofia serão apresentados de maneira sequencial e organizados para cada série e idade dos alunos. Todos estes conteúdos a serem trabalhados serão apresentados por meio das novelas filosóficas que o autor desenvolveu, proporcionando uma leitura mais simples e agradável às crianças. No entanto, no contexto trazido pelas novelas filosóficas são apresentadas problemáticas que despertam a curiosidade dos alunos favorecendo o interesse pelo questionamento e aprendizado.

A metodologia pedagógica consiste na discussão (LIPMAN, 1990, p. 207), uma vez que as crianças apresentam um potencial para se expressarem verbalmente e o principal

objetivo é aprender Filosofia desde a infância. Dentro das salas não deve haver o modo de aulas expositivas, uma espécie de doutrinação por parte dos professores, a aula deve tomar rumo a partir da discussão proposta pelo conteúdo e o professor deve ser o responsável por este despertar do questionamento dos alunos. O principal papel do educador neste momento é promover um debate envolvendo a todos e, ao mesmo tempo, incentivar as crianças a buscarem as soluções necessárias por meio da investigação na direção em que o problema está apontando.

Pode-se perceber que para Matthew Lipman a metodologia pedagógica ou dialógica (dialógica por que é a partir do diálogo que se constrói o conhecimento), deve ser aplicada de uma maneira que siga uma determinada sequência, ou seja, desde as primeiras séries até o final do ensino médio, preparando os alunos para o mundo universitário e o pensar crítico.

Assim, as crianças mais jovens (de cinco a nove anos) precisam prática em raciocínio e formação de conceito, com relativamente menos ênfase na aprendizagem de princípios. Nas séries intermediárias do primeiro grau (dos dez aos treze anos), os alunos estão numa posição melhor para compreender os princípios do raciocínio válido e nas séries posteriores (dos quatorze aos dezessete anos) eles podem ser auxiliados a aplicar estes princípios, adicionados à sua prática aprimorada, aos assuntos da escola e da vida com os quais eles devem lidar. (LIPMAN, 1990, p.207).

Vale ressaltar que Lipman inicialmente começou a aplicar o seu Programa em estudos com crianças de dez anos de idade. A partir dos resultados positivos obtidos pelo seu método filosófico, o Programa Filosofia para Crianças foi estendido e desenvolvido material para todas as séries.

Conforme o modo de fazer Filosofia nas séries iniciais vai se destacando, surge a necessidade da elaboração de um material de instrução para os professores, não seria possível agir dentro da sala de aula puramente com o método socrático. A elaboração de um material adequado faz-se necessária para o desenvolvimento dos alunos e o acompanhamento dos professores. Matthew Lipman, numa tentativa de apresentar uma solução para o problema que surge, elabora as denominadas novelas filosóficas para os alunos e um material de acompanhamento das novelas destinado aos professores (BROCANELLI, 2010, p. 74).

Como recursos básicos são utilizadas histórias ou, como as denomina Lipman, novelas filosóficas, nas quais os personagens são crianças e jovens que se colocam as questões filosóficas, defrontam-se com respostas variadas a elas (dadas por eles mesmos ou pelos adultos com os quais convivem) e colocam sob análise investigativa tanto as questões, quanto as respostas. Os procedimentos dos personagens pretendem serem modelos de uma investigação colaborativa e compartilhada. As "novelas filosóficas" são identificadas pelo nome do personagem

principal das mesmas. São as seguintes: Rebeca (para 6/7 anos); Issao e Guga (para 7/8 anos); Pimpa (para 9/10 anos); A descoberta de Ari dos Telles (para 11/12 anos) e Luíza (para 13/14 anos). Cada uma delas vem acompanhada de um Manual do Professor que oferece ao mesmo alguns subsídios para orientar o diálogo em sala de aula (os Planos de Discussão) e para estimular o desenvolvimento das habilidades cognitivas (Exercícios) (LORIERE, 2012, p. 04).

Espera-se que após a leitura em grupo dentro da sala de aula, as crianças e os jovens sintam-se provocados a apresentarem em discussão suas próprias questões, suas opiniões acerca do conteúdo apresentado. No entanto, há a necessidade de um acompanhamento preparado capaz de conduzir uma forma de educação competente, onde os alunos apresentam respostas aos questionamentos levantados, mas de maneira plausível.

É importante a compreensão de que na proposta incluída no Programa Filosofia para Crianças o essencial não é o trato direto com as produções dos grandes mestres da filosofia. É antes a necessidade de se manter vivas e interessantes as questões filosóficas próprias que cada indivíduo traz consigo, de modo que, em determinado momento as crianças e os jovens sintam-se convidados à elaboração cuidadosa e sistemática da produção filosófica. Outro fator muito importante que se busca é o desenvolvimento da capacidade para que todos possam participar de maneira ativa de uma produção de respostas filosóficas, fugindo assim, do simplesmente denominado aprendizado doutrinado (LORIERI, 2012, p. 04).

O Programa elaborado pelo filósofo está inteiramente voltado a uma educação para o pensar. Desenvolver o pensamento reflexivo, crítico e rigoroso, profundo, criativo, onde favoreça às crianças e aos jovens um interesse pela Filosofia.

As crianças adquirem facilidade em falar ouvindo as conversas dos adultos, identificando-se com os que falam, internalizando seus comportamentos linguísticos e simultaneamente compreendendo a estrutura lógica e sintática da linguagem que empregam. É sob esse aspecto que crianças surdas estão em extrema desvantagem. Assim, as crianças aprendem a falar falando, sendo expostas a modelos de conversação. Podem aprender a contar histórias ouvindo histórias e podem aprender a escrever poesia vendo primeiro modelos de poesia. Os modelos são indispensáveis, quer sejam imitados com sucesso ou não (LIPMAN, 1990, p. 209).

O autor destaca a importância da construção do aprendizado em sala de aula e o importante papel da comunidade de investigação montada entre os alunos e acompanhada pelo professor a partir da metodologia apresentada pelos conteúdos filosóficos. É comum que as crianças despertem o interesse pelo pensar, pelo estudo organizado, pela elaboração de pensamentos, enfim, pelo desenvolvimento a partir de uma orientação preparada.

Quando lutamos para formar crianças capazes de refletir, é necessário que apresentemos a elas crianças pensantes. Devemos apresentá-las ou inseri-las num mundo

literário onde sabemos que o contato com a leitura é responsável pelo desenvolvimento dos alunos. Não é um contato direto com os livros de histórias já existentes onde os personagens são sempre fictícios, tristes ou alegres, feios ou bonitos, é necessário um contato com personagens curiosos, críticos, pensativos, enfim, que apresentem uma característica filosófica (LIPMAN, 1990, p. 210).

Desta maneira, o pensamento do autor volta-se sempre ao modo de como trabalhar a Filosofia nas escolas, ao importante papel que a disciplina desenvolve na vida dos alunos. É necessário ressaltar que Lipman está sempre fazendo uma junção entre Educação e Filosofia, as duas percorrendo sempre juntas, e ambas são necessárias para o desenvolvimento do ser humano.

4.2 Uma Comunidade de Investigação: a sala de aula

Depois de apresentar a centralidade do Programa Filosofia para Crianças, faz-se necessária uma abordagem acerca da Comunidade de Investigação proposta pelo autor ao longo de toda a sua proposta educacional. A contribuição apresentada por Lipman para uma renovação da educação não está centrada somente nas leituras de grandes textos filosóficos, faz-se necessária uma discussão filosófica constante, em grupo, dentro da sala de aula. É um desenvolvimento individual e também do grupo como um todo, do modo de pensar e raciocinar, sendo aperfeiçoado pelo educador.

A sala de aula é apresentada como ponto fundamental para o desenvolvimento desta comunidade, sendo a discussão empreendida por tudo o que as crianças vivem no seu cotidiano, desde as experiências com os seus familiares até o contato com os personagens descritos nas novelas filosóficas. O professor tem o encargo de auxiliar os alunos e encorajá-los cada vez mais nas diversas discussões que vão surgindo, com o intuito de ampliar os horizontes da reflexão. Contudo, os alunos não ficarão contentes em apenas copiar ou imitar, mas, criar algo novo.

Em vez de conhecer a mente como um recipiente passivo e vazio que deve ser preenchido com informações e conteúdos, para poder ser educado, pressupõe-se que as crianças aprendem ao estarem envolvidas ativamente em uma exploração, bem como que o conhecimento não é algo que se aprende automaticamente, mas sim algo que se domina através da interação com o ambiente e solucionando problemas que são importantes para as crianças (LIPMAN, 1994, p. 119 apud BROCANELLI, 2010, p.82).

A investigação em sala de aula fará com que os alunos aprimorem o desenvolvimento do pensar cada vez mais, de forma crescente, e o contato com a Filosofia possibilitará a criança a organizar seus pensamentos para no futuro saber apresentar respostas às problemáticas que surgirão ao longo da vida.

A Comunidade de Investigação é como uma sementeira, e se faz necessária para cultivar a Filosofia nas séries iniciais, ela é responsável pela intermistura da preocupação crítica com a justiça e o impulso criativo, direcionando ao interesse e à atenção. Faz criar o respeito tanto pelas pessoas quanto pelos princípios, gerando um exemplo de democracia como investigação (LIPMAN, 1990, p. 367).

A partir do instante em que a sala de aula é convertida numa comunidade investigativa, os alunos passam a ser questionadores, atentos, interativos, pesquisadores, colaboradores. No momento em que surgirem injustiças e erros dentro da própria comunidade, estes devem ser tratados de maneira experimental, ou seja, como se trataria qualquer outra questão. Segundo Dewey a sala de aula deve representar um pequeno mundo da grande comunidade que seria a sociedade. Por isso, é necessário constituir estes pequenos mundos, pois as escolas de hoje são responsáveis pela formação da sociedade de amanhã (LIPMAN, 1990, p. 373).

O trabalho de discutir Filosofia dentro da sala de aula exige conhecimentos filosóficos, leitura constante e disponibilidade para ser razoável. O educador deve estar aberto para aceitar a formulação dos conceitos e ideias dos alunos. A responsabilidade que o professor traz consigo é de conduzir a discussão crítica e reflexiva.

A educação filosófica tem mais êxito quando incentiva e capacita as pessoas a se envolverem no questionamento crítico e na reflexão inventiva. Em virtude dessa conduta filosófica ser nosso objetivo educacional, nosso problema imediato é: que metodologia de ensino assegurará aos estudantes a produção de ideias mais significativas e o questionamento mais relevante e mais fundamentado? (LIPMAN, 1994, p. 143 apud BROCANELLI, 2010, p. 83).

O autor esclarece que se faz necessário o professor, responsável pela orientação dos alunos na comunidade, favorecer um estímulo para a discussão entre todos. É também importante que os alunos estejam interessados em dialogar para que haja uma discussão mais aprofundada das temáticas que serão apresentadas na aula. Uma aula de Filosofia pode tornar-se um sucesso a partir do momento em que os alunos se envolverem numa discussão.

O mais importante na discussão filosófica é o desenvolvimento da razão, do intelecto, do saber pensar, e não somente do acúmulo de informações. Quando se desenvolve uma

discussão filosófica, também se desenvolve o crescimento intelectual, e através do diálogo investigativo os participantes podem desenvolver a capacidade de conhecer novos horizontes. A sala de aula deve ser transformada numa Comunidade de Investigação, onde é necessário o empenho do educador em desenvolver uma arte em sala de aula, ou seja, conduzindo o diálogo filosófico para que alcance a produtividade. (LIPMAN, 1994, p.144 apud BROCANELLI, 2010, p. 84).¹

Para Lipman a sala de aula se torna esta comunidade investigativa capaz de buscar as respostas para os seus questionamentos. A partir do instante em que os alunos se questionam, apresentam as suas próprias opiniões, elas formam uma Comunidade de Investigação.

A Comunidade de Investigação é uma sociedade deliberativa envolvida com o pensar de ordem superior. Isto significa que suas deliberações não são simples bate-papos ou conversações; são diálogos logicamente disciplinados. O fato de serem logicamente estruturados, todavia, não os impossibilita de atuarem como um estágio para o desempenho criativo. (LIPMAN, 1995, p. 302).²

O autor destaca a importante necessidade de se trabalhar em comunidade a partir do que é proposto pelos conteúdos filosóficos. Quando as crianças são incentivadas a pensar, na Comunidade de Investigação, elas desenvolvem a comunicação, fator importante para o crescimento intelectual. É por meio da comunicação que as crianças e jovens se tornarão capazes de melhores argumentações no discurso e uma melhor compreensão da linguagem.

Um modo de pensar toma e empresta para outro à medida que tentamos colocar nossos pensamentos em palavras e depurar palavras em pensamentos. Se a tradução é compreendida como uma troca simbólica, e se o exemplo de uma troca simbólica é o diálogo, podemos começar a compreender por que todo pensar é dialógico, transacional e traducional. Traduzir aquilo que se pensa para aquilo que se diz ou aquilo que se diz para aquilo que se pensa não é muito diferente de traduzir um texto de uma língua para outra ou de trocar o uso corrente de uma língua para o uso corrente de outra língua (LIPMAN, 1995, p. 303).

¹ O termo Comunidade de Investigação foi criado por Charles Sanders Peirce; primeiramente, o termo foi utilizado quando se referia a grupos de cientistas e pesquisadores que tinham o mesmo objeto de estudo e objetivos a serem alcançados. Depois de sua ideia, esse termo passou também a ser utilizado por grupos que, independentemente de sua função no meio científico ou não científico, pretendiam um estudo mais aprofundado sobre assuntos do seu interesse. (BROCANELLI, 2010, p. 84).

² É preciso esclarecer alguns conceitos usados por Lipman: 1) *O pensar de ordem superior* é o pensar já estruturado segundo os padrões do Programa de Filosofia para Crianças; ou seja, um pensar lógico, consistente e que tem boas razões para ser expresso de tal forma. 2) Há uma diferença entre *conversação e diálogo*: a conversação se dá quando as pessoas conversam sobre todos e quaisquer assuntos sem um compromisso ou objetivo final de obter uma conclusão que sirva para sua vida. O diálogo, por sua vez, é uma conversa, porém, com o compromisso e o desejo de se chegar a uma conclusão, ou seja, todos falam sobre um único assunto naquele momento com a intenção de chegar a um objetivo ou uma verdade (BROCANELLI, 2010, p.85).

A partir do diálogo, da comunicação entre os alunos que formam a Comunidade de Investigação é possível que as crianças alcancem uma capacidade de argumentação superior aos que se encontram num modo de educação tradicional. Os alunos tendem a permanecer neste processo ascendente, criativo, buscando sempre o novo. Lipman destaca a importância do incentivo contínuo à investigação com as crianças, procurar estar sempre elaborando perguntas, pois ajudará no desenvolvimento do raciocínio e facilmente os alunos estarão apresentando respostas diferentes das anteriores, da antiga visão acerca de determinado assunto trabalhado que eles traziam consigo.

Contudo, vale ressaltar que existe uma diferença entre diálogo e conversa. O diálogo é formado pela troca de ideias, concordâncias ou discordâncias, dúvidas, acordo de pensamentos entre outros, e na conversa cada membro tem direito a falar e cada um predomina com a sua posição (LIPMAN, 1995, p. 335).

Uma conversa é uma troca de sentimentos, pensamentos, informações, interpretações. Um diálogo é um exame, uma investigação, um questionamento. Aqueles que conversam fazem-no cooperativamente, como jogadores de tênis rebatendo a bola enquanto praticam o esporte de modo cordial e indeterminável. Aqueles que se envolvem em um diálogo, fazem-no de forma colaborativa, como oficiais da justiça trabalhando juntos sobre o mesmo caso. O objetivo daqueles que rebatem a bola é estender o jogo o máximo possível. O objetivo dos oficiais da justiça é resolver o caso no menor tempo possível (LIPMAN, 1995, p. 336).

Como nos é apresentado, na Comunidade de Investigação deve prevalecer a cultura dialógica, por se tratar de uma maneira pedagógica de discussão onde todos os alunos poderão e deverão participar, expressando a sua maneira de pensar, e as ideias de cada membro do grupo deverão ser aceitas pelos demais integrantes da Comunidade. Tudo aquilo que é colocado pelos alunos dentro da Comunidade deverá ser levado em conta pelo professor e os demais, para a tentativa de se chegar a uma solução de uma determinada problemática trazida pelo material estudado. Sendo desenvolvida esta habilidade pedagógica com as crianças e os jovens haverá sem dúvidas um aperfeiçoamento do raciocínio, tornando-as cidadãos capazes de um pensar melhor.

4.3 A iniciativa da aplicação do Programa Filosofia para Crianças no Brasil

Avaliando a importante necessidade da discussão em sala de aula, em Comunidade, ressaltamos a contribuição de dois autores brasileiros que incorporaram as ideias de Matthew Lipman e desenvolveram frutuosos trabalhos de Filosofia nas escolas do nosso país, sempre

em busca de um maior e melhor contato das crianças e jovens com os estudos filosóficos para um pensar crítico.

Um dos principais protagonistas da Filosofia para Crianças no Brasil desde o ano de 1985 e que deu sua contribuição ao Centro Brasileiro de Filosofia para Criança, sempre estudando a necessidade dessa problemática para a educação brasileira, foi o professor Marcos Antonio Lorieri³. Segundo Lorieri, a melhor denominação que poderíamos apresentar ao tipo de trabalho desenvolvido por Lipman seria: iniciação filosófica de crianças e jovens. Pelo fato de ainda ser restrito o conhecimento acerca da Filosofia, deve ser criada uma abertura para a discussão. Ressalta Lorieri, que o ambiente criado por Lipman e denominado Comunidade de Investigação é o local apropriado para se dar início a este conhecimento filosófico e depois possa dar continuidade nas séries posteriores. O contato direto com a discussão filosófica favorece aos jovens um bom desempenho na sua formação. O Programa Filosofia para Crianças tornou-se o responsável por um grande movimento no país, que resultou num fato inegável: a presença de Filosofia no aprendizado de crianças e jovens, trazendo resultados positivos (LORIERI, apud KOHAN, apud BROCANELLI, 2010, p. 88).

A partir do pensamento de Lorieri, podemos perceber que a proposta desenvolvida por Lipman, na qual a Filosofia atua na formação do homem favorecendo-o a tornar-se mais crítico e reflexivo, torna-se uma necessidade, que deve atuar desde as séries iniciais e percorrendo as posteriores até o ingresso no mundo universitário. A partir de então, o trabalho com a Filosofia nas escolas permanece como um processo em que os indivíduos entram em contato com os textos filosóficos, apresentam também ideias do cotidiano e em meio às discussões surgidas se enriquecerão com novos conceitos.

Outro filósofo que pensa sobre a importante iniciativa da Filosofia na infância no Brasil, e muito contribuiu para o desenvolvimento no país é Walter Omar Kohan⁴. Este autor considera que a ideia de Lipman é eficaz por fazer uma ligação entre a Filosofia e a criança. Lipman seria o responsável por um novo trabalho de grande valor para a educação.

³ Marcos Antonio Lorieri é um dos integrantes do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças e, juntamente com Catherine Young Silva, divulgou o Programa de Lipman no Brasil a partir do ano de 1985. O Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças é a instituição responsável pela tradução e adaptação dos materiais didáticos do Programa, bem como a promoção de cursos para professores que se dedicam ao trabalho com Filosofia para Crianças. Atualmente é professor na Uninove em São Paulo.

⁴ Kohan estudou o Programa Filosofia para Crianças de Lipman e escreveu várias obras que tratam sobre Filosofia para/com crianças e escritos sobre Filosofia e Infância; ele trabalha com Filosofia nas escolas desenvolvendo um trabalho diferenciado. Foi professor de Filosofia da Educação do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação na Universidade de Brasília, local onde iniciou o trabalho de Filosofia nas escolas, auxiliado por outros professores e alunos. Atualmente é professor no Rio de Janeiro, Uerj, e membro do Conselho Internacional de Investigação Filosófica com Crianças. (BROCANELLI, 2010, p. 88).

Afinal, Lipman foi o criador de uma ideia brilhante – a de aproximar as crianças e a filosofia – mas podemos distinguir essa ideia do programa que o próprio Lipman e seus colaboradores elaboraram para implementá-la. Pôr em prática essa ideia genial a partir de uma perspectiva filosófica implica não aplicar esse programa como se fosse uma técnica ou receita. Trata-se, antes, de pensar os seus pressupostos e implicações teóricas, suas engrenagens institucionais, seus recursos textuais. O programa filosofia para crianças torna-se então ponto de partida aberto a uma prática filosófica e não ponto de chegada de uma didática mecanizada (KOHAN, 1998, p. 132 apud BROCANELLI, 2010, p. 89).

Kohan apresenta a sua ideia admitindo o amplo trabalho desenvolvido por Lipman e ao mesmo tempo enfatizando a importância que deve ser dada à sua iniciativa, favorecendo aos alunos uma maior participação das discussões e formações de ideias dentro das escolas e indicando um novo rumo por que a educação deve percorrer.

O autor destaca a importância de ser ter consciência que, quando se trata de infância, não estamos apresentando apenas uma idade cronológica. É importante lembrar que todos os que estão começando a falar, a envolver-se com a linguagem, estão sujeitos a formularem ideias para a formação de uma sociedade.

Estamos muito longe de uma educação que “prepare as crianças para o futuro” ou “para o mercado de trabalho” ou “para o mundo adulto” ou para qualquer outra coisa que não seja a própria infância, entendida como experiência da diferença, da novidade, do inesperado. Uma educação em e para a experiência educa as crianças em seu serem crianças, permite viver a infância como novidade, como experiência, como descontinuidade, como multiplicidade, como desequilíbrio, como busca de outros mapas, como história sempre nascente, como devir, como possibilidade de pensar o que não se pensa e de ser o que não se é, de estar em outro mundo diferente do que se está. Se para algo prepara uma educação, é para não deixar nunca a infância, a experiência, ou para recuperá-las, se se as perdeu. Se a educação é educação dos que não estão na infância, dos excluídos da experiência – porque a deixaram, sejam crianças ou adultos –, a tarefa de uma tal educação é recuperar essa infância, mantê-la, não deixar que se perca de novo (KOHAN, 2002, p. 239).

Essa é a novidade trazida por Matthew Lipman: uma chance de também as crianças adentrarem no mundo da Filosofia e a própria Filosofia se fazer presente no modo de pensar das crianças. Contudo, para que se possa desenvolver um bom trabalho de Filosofia para Crianças é necessário levar em conta os seus questionamentos que fluirão a partir do cotidiano de cada aluno, sem levar em conta somente o que é proposto pelos livros.

5 CONCLUSÃO

Concluída esta pesquisa acerca da importante contribuição da filosofia para a formação do pensamento do homem a partir de uma educação de qualidade, podemos destacar tamanha contribuição apresentada por Matthew Lipman para a sociedade e um aprofundamento num estudo tão importante e atual.

Compreendemos desta maneira, o que o autor traz para a educação, como Sócrates utiliza de uma maneira a instigar os seus dialogantes a perceberem a existência de um determinado problema que deve ser reconhecido e a partir deste momento procurar solucioná-lo com base na filosofia, uma forma de agir em que a figura do professor deve ser o responsável em desenvolver a capacidade de problematização entre os alunos. A reflexão é um ofício, e não se pode desenvolver tal arte pelos outros. É algo insubstituível. Para que um determinado conceito possa ser achado, Lipman defende um estudo a partir de um método ou passos que o conduzirá especificamente. Desta forma, o ensino de filosofia realizado através do diálogo é tão seguro que o ouvinte passará a compreender como o mestre, uma forma crítica de pensar relacionada à realidade em que se está inserida.

O desejo central do programa de Lipman não era simplesmente de que as crianças soubessem tudo de Filosofia ou da História da Filosofia para desenvolverem apresentações para os demais em turma. Sua preocupação consistia em formar indivíduos que fossem capazes de pensar melhor, de maneira organizada, onde pudessem habituar-se a um comportamento filosófico a partir do momento em que estivessem diante de temas de Filosofia.

Quando lutamos para formar crianças capazes de refletir, é necessário que apresentemos a elas crianças pensantes. Devemos apresentá-las ou inseri-las num mundo literário onde sabemos que o contato com a leitura é responsável pelo desenvolvimento dos alunos. Não é um contato direto com os livros de histórias já existentes onde os personagens são sempre fictícios, tristes ou alegres, feios ou bonitos, é necessário um contato com personagens curiosos, críticos, pensativos, enfim, que apresentem uma característica filosófica.

O mais importante na discussão filosófica é o desenvolvimento da razão, do intelecto, do saber pensar, e não somente do acúmulo de informações. Quando se desenvolve uma discussão filosófica, também se desenvolve o crescimento intelectual, e através do diálogo investigativo os participantes podem desenvolver a capacidade de conhecer novos horizontes. A sala de aula deve ser transformada numa Comunidade de Investigação, onde é necessário o

empenho do educador em desenvolver uma arte em sala de aula, ou seja, conduzindo o diálogo filosófico para que alcance a produtividade.

A partir da pesquisa, podemos destacar que Lipman muito contribuiu para uma reformulada da educação, saindo da concepção de um ensino tradicional, onde os alunos apenas recebiam informações e não contribuíam com o seu pensamento, e adentrando num mundo de leitura, de diálogo, de reflexões, onde os alunos tornaram-se protagonistas do seu crescimento intelectual, e a partir de uma boa educação desde as primeiras séries, será possível alcançarmos uma sociedade que saiba agir, pensante, capaz de refletir. Esta foi a novidade trazida por Matthew Lipman: uma chance de também as crianças adentrarem no mundo da Filosofia e a própria Filosofia se fazer presente ao modo de pensar das crianças.

REFERÊNCIAS

- BROCANELLI, Cláudio Roberto. **Matthew Lipman: Educação para o Pensar Filosófico na Infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção educação e conhecimento).
- HENNING, Leoni Maria Padilha. **"Sócrates e as raízes do pensamento crítico" numa interpretação de Matthew Lipman**. UEL, 2001. Disponível em: http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/docentes/conheca_leoni_arq22.pdf. Acesso em: 12 set. 2015.
- KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. (série filosofia na escola).
- KOLL, Marta de Oliveira. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo, SP: Scipione, 2010. Disponível em: http://www.birigui.sp.gov.br/educacao/site/admin/arquivos/texto_marta_koll.pdf. Acesso em: 30 set. 2015.
- LELEUX, Claudine (Org.). **Filosofia para crianças: o modelo de Matthew Lipman em discussão**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.
- LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.
- _____. **O Pensar na Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia para Crianças – Educação para o pensar**. Disponível em: http://www.philosletera.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=157&Itemid=403. Acesso em: 28 ago. 2015.
- PISONI, Silene. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**. Revista e-Ped – FACOS/CNEC Osório. Vol. 2, nº 1, 2012. Disponível em: http://http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teorica_e_a_influencia_na_educacao.pdf. Acesso em: 15 set. 2015.
- SILVEIRA, Renê José Trentin. **Matthew Lipman e a filosofia para crianças: três polêmicas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 83).
- _____. **Programa de Filosofia para crianças de Matthew Lipman: uma concepção liberal de educação**. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0CC0QFjACahUKEwj02uHf0JPJAhWFvZAKHSDICho&url=http%3A%2F%2F28reuniao.anped.org.br%2Ftextos%2Fgt17%2Fgt171427int.rtf&usq=AFQjCNF1fA1aut3D39ahHvZi7bKSp_p2Ew. Acesso em: 10 set. 2015.
- SOUZA, Tânia Silva de. **O ensino de Filosofia para crianças na perspectiva de Matthew Lipman**. Vol. 6, nº 2, 2013. Disponível em:

<<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/taniasouza.pdf>>
Acesso em: 25 ago. 2015.